

Língua –  
Sprache

## A negação sintática em diálogos do alemão e do português do Brasil

Selma M. Meireles\*

**Abstract:** This paper presents results of research into syntactic negation in both German and Brazilian Portuguese dialogues. After some considerations on the nature of negation, its occurrence in a corpus is investigated based on semantic negation categories established from works by Polenz and Engel. Based on Ilari's works, possible syntactic negation forms are presented as formulae that express the relationships between their components. Use frequency of syntactic negation in the semantic categories in each language is presented, as well as possible sources of interference in the use of such elements by foreign speakers, along with considerations about negation, culture and language.

**Keywords:** negation; syntax; semantics; spoken language

**Zusammenfassung:** Der Aufsatz präsentiert die Ergebnisse einer Untersuchung der syntaktischen Negation in deutschen und brasilianischen Dialogen. Nach einigen Überlegungen über Negation und Sprache wird ihre Okkurrenz in einem Corpus von Dialogen in beiden Sprachen in Bezug auf semantische, in Anlehnung an Polenz und Engel ausgearbeitete Kategorien untersucht. Ausgehend von Ilaris Arbeiten werden die Möglichkeiten der syntaktischen Negation in jeder Sprache als Formeln präsentiert, die die Beziehungen zwischen ihren Komponenten darstellen. Außer der Gebrauchsfrequenz von syntaktischer Negation in den semantischen Kategorien in jeder Sprache werden noch mögliche Interferenzprobleme bei dem Gebrauch der syntaktischen Negation von Fremdsprachlern erörtert, sowie breitere Überlegungen über Negation, Kommunikation und Kultur.

---

\* Selma M. Meireles é professora doutora da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo.

**Stichwörter:** Negation; Syntax; Semantik; gesprochene Sprache

**Palavras-chave:** negação; sintaxe; semântica; língua falada

## 0. Introdução

No mundo moderno a interação e colaboração entre os vários países torna-se imprescindível, aumentando a necessidade de comunicação entre falantes de línguas diferentes. O crescente interesse por obras científicas e literárias estrangeiras destaca a necessidade de bons tradutores que as tornem acessíveis a todos aqueles que não dominam a língua do texto original. Assim, cresce a importância dos métodos de ensino de língua estrangeira, que buscam nas modernas pesquisas lingüísticas subsídios para fornecer aos alunos um modelo o mais aproximado possível à forma de utilização efetiva da língua estrangeira pelos falantes nativos, não mais transmitindo apenas vocabulário, estruturas gramaticais e formas fixas da gramática normativa de cada língua, mas também e principalmente apresentando um modelo flexível da linguagem falada culta de um falante nativo, estimulando o aluno à comunicação própria através da compreensão e produção de textos orais e escritos na língua estrangeira. Pois, se é importante para o aluno de língua estrangeira dominar o paradigma gramatical (ou seja, a capacidade de construir sentenças gramaticalmente corretas) e o paradigma situacional de uma língua estrangeira (utilizar tais sentenças de acordo com o registro, tipo de texto e forma de interação exigidos por uma determinada situação de comunicação), o domínio de uma língua estrangeira implica ainda a capacidade de, perante um quadro de determinados tipos de texto ou formas de interação (pragmática), expressar proposições (em bases léxicas ou semânticas) e realizar verbalmente sua intenção de fala, ou seja, comunicar-se no contexto da língua estrangeira.

No Brasil em particular, o intercâmbio intenso com as mais variadas nações empresta uma especial importância ao aprendizado de línguas estrangeiras. Entre as diversas línguas procuradas, destaca-se a língua alemã, devido ao intercâmbio nos campos científico, tecnológico e artístico com países que a utilizam. Muitos falantes do português procuram o contato com a língua alemã em faculdades, institutos de línguas e aulas particulares, cujos professores por sua vez buscam o aperfeiçoamento de seus métodos, procurando minimizar as dificuldades dos alunos, devidas em grande parte às diferenças entre as duas línguas. Minha experiência na área do ensino de alemão como língua estrangeira levou-me a observar de perto tais dificuldades em meus alunos. E um problema que, se não detém o maior grau de dificuldade na

aprendizagem da língua alemã, é certamente uma constante neste processo, são as diferentes formas em que se apresenta a expressão sintática da **Negação** em ambas as línguas, portuguesa e alemã.

## 1. Negação, comunicação e linguagem

Muito embora ofereça dificuldades aos alunos, o domínio das estruturas negativas é de grande importância para os mesmos desde o início da aprendizagem, pois é necessário ao estudante de língua estrangeira expressar-se não apenas afirmativamente, mas também impor-se limitando, colocando em dúvida ou negando conceitos e afirmações alheias (cf. HELBIG/ALBRECHT 1973: 5).

Apesar de seu papel tão decisivo para a afirmação do indivíduo como elemento ativo na comunicação, a questão da negação ainda é muito pouco estudada no Brasil, provavelmente devido ao fato de a negação aparentemente não apresentar dificuldades para os falantes nativos do português, as quais só aparecem no confronto com uma língua de estrutura diferente. Dentro desta perspectiva, um estudo mais aprofundado da negação em português deverá ser exigido quando crescerem os estudos sobre o ensino do português como língua estrangeira, que ainda é incipiente no Brasil.

Apresentarei a seguir, de forma condensada, alguns dos resultados de minha pesquisa de mestrado (MEIRELES 1991), sobre a negação sintaticamente explícita em diálogos da língua falada culta em português e em alemão. A escolha de diálogos da língua falada culta como objeto de estudo repousa sobre o fato de ser o diálogo oral a forma de comunicação estatisticamente mais importante, e a norma culta aquela utilizada pelos métodos de ensino de língua estrangeira, como forma padrão da língua.

Entretanto, o uso da língua se faz dentro de um contexto cultural e ao aprender uma língua estrangeira é preciso apreender também o contexto cultural que a envolve e que ela transmite. Assim sendo, cabe aqui trazer alguns aspectos para suporte do tema.

A linguagem já foi citada por antropologistas como o principal fator de identidade cultural, antes ainda da organização social e da religião (cf. UNESCO 1986: 13). Se, por um lado, essa estreita relação entre língua e cultura é importante para a manutenção de um grupo, atuando como expressão e repositório de sua identidade cultural, ela também pode constituir um empecilho à comunicação intercultural. Cada cultura preza as formas e conceitos de sua língua como específicos e intraduzíveis, noções que freqüentemente estão na base "do etnocentrismo e das visões de mundo de muitos povos, passados e presentes" (SERPEL 1977:72).

Assim, a aquisição de uma segunda língua implica no contato com valores culturais possivelmente diversos daqueles subjacentes à língua materna, sendo que as diferenças entre os valores são frequentemente avaliados com base apenas nos valores da cultura de origem, o que pode levar a julgamentos preconceituosos, que muitas vezes dão origem a dificuldades de comunicação entre as várias culturas.

No caso específico de contatos entre falantes alemães e brasileiros, a verbalização da negação parece ser um desses pontos de conflito. Já ouvi muitas vezes de falantes alemães queixas de que “os brasileiros não são sinceros”, pois “não sabem dizer não”. Por outro lado, muitos falantes brasileiros referem-se aos alemães como “frios, diretos e por vezes rudes”, que “dizem não, doa a quem doer”.

Baseados nestas declarações, podemos supor que o problema não se restrinja às dificuldades com as formas sintáticas de expressão da negação em ambas as línguas, mas também ao seu uso na interação lingüística entre falantes brasileiros e alemães.

Tendo por base estas reflexões de cunho mais amplo, este artigo foi organizado em três partes: na primeira, apresento o referencial teórico utilizado para a análise dos dados; na segunda, os resultados estatísticos quanto ao uso da negação nas duas línguas enfocadas. O último item é dedicado às conclusões e sugestões derivadas da análise efetuada.

## 2. Os diversos enfoques dos estudos da Negação

A negação está presente em vários aspectos da vida do indivíduo. Na psicologia, aparece como um mecanismo que lhe permite dar vazão a pensamentos reprimidos (cf. FREUD 1925); na lógica, caracteriza a não-validade de uma proposição (cf. KÜRSCHNER 1983: 3). Porém é na comunicação lingüística que a complexidade da negação se revela de forma mais patente.

Em primeiro lugar, podemos identificar dois diferentes níveis de negação: a **negação semântica** e a **negação sintática**, os quais nem sempre coincidem e que não são claramente diferenciados em muitos estudos sobre o tema. Conforme exposto nos compêndios de gramática, falantes nativos de uma língua reconhecem instintivamente em alguns elementos sintáticos ou morfológicos dessa língua um traço semântico denominado ‘negativo’. Tradicionalmente, esses elementos são caracterizados como ‘palavras negativas’ ou ‘sinais de negação’, e as sentenças que os contém são consideradas **sintaticamente negativas**.

Porém, conforme demonstrado nos trabalhos de SENNEKAMP (1979) e ILARI *et alii* (1989), entre outros, sentenças sintaticamente negativas e elementos lingüísticos

tradicionalmente caracterizados como negativos não têm sempre a função semântica de negação, podendo assumir diversas funções comunicativas, inclusive sinalizando concordância com o interlocutor, o que pode ser considerado o oposto da negação semântica. Por outro lado, conforme ressaltado por HELBIG/BUSCHA (1974), a negação semântica pode também ser expressa sem o uso dos elementos sintáticos denominados negativos, com recursos como a ironia, por exemplo.

Além da função semântica de rejeitar ou sinalizar como não-pertinentes os conteúdos propostos durante a comunicação, a negação tem ainda, segundo WEINRICH (1976), a função de intervir no desenvolvimento da interação lingüística, possibilitando ao interlocutor sinalizar ao falante a necessidade de redirecionamento da interação.

Essa diversidade de funções mostra que a negação lingüística tem todos os elementos para trazer grandes dificuldades aos estudiosos do problema. Como o fenômeno da negação extrapola os diversos níveis lingüísticos (sintático, semântico e pragmático), qualquer estudo que se atenha apenas a um desses níveis representa uma grande simplificação, que não pode pretender abarcar todo o problema. O recorte teórico deve, portanto, ter em vista os objetivos básicos do estudo e aceitar as limitações decorrentes de tal procedimento.

Em minha pesquisa foi analisada a **negação semântica** expressa **sintaticamente** por pelo menos um dos **elementos sintáticos tradicionalmente denominados negativos** em português e alemão, a fim de comparar as formas sintáticas de expressão da negação em ambas as línguas. Para tanto, foi necessário um embasamento teórico que permita o estabelecimento de parâmetros comuns para a identificação da negação semântica em ambas as línguas nos diálogos constantes do *corpus*, para posterior comparação de sua expressão sintática. Após a leitura crítica de diversos autores, em português e em alemão, cheguei aos seguintes resultados:

a) Tanto em português como em alemão há um grupo de palavras que são ‘instintivamente’ caracterizadas como ‘negativas’ ou ‘negativadoras’ pelos falantes nativos. Conforme demonstrado pelo método de substituição paradigmática, usado por DROSDOWSKI (1984) e HELBIG/ALBRECHT (1973), e pelo tratamento dos compêndios de gramática da língua portuguesa (os quais em geral não abordam tais palavras sob um tópico comum de ‘negação’, agrupando-as junto às classes de palavras com as quais comutam), tais palavras constituem um grupo de elementos provenientes de diferentes classes gramaticais, agrupados por um traço **semântico** comum. Este traço semântico negativo é interpretado por alguns como sinal de dissensão (SCHMIDT *apud* SENNEKAMP 1979), de exclusão (cf. WEINRICH 1976) ou de rejeição (SEARLE/ZIFONUN *apud* SENNEKAMP 1979).

b) No entanto, como mostram os trabalhos de SENNEKAMP (1979) e de ILARI *et alii* (1989), as palavras pertencentes ao grupo de elementos negativos podem também ser usadas com outras finalidades que não a de exprimir dissensão, exclusão ou rejeição, podendo assumir funções fáticas, de apelo ao ouvinte, ou mesmo demonstrar concordância com o interlocutor. Assim sendo, a verdadeira função do elemento negativo só se define em nível textual, na combinação com outros signos na situação de comunicação concreta. Devido a essa propriedade, a gramática tradicional e alguns estudos semânticos realizados sobre o tema e citados em SENNEKAMP (1979) não apresentam uma abordagem satisfatória dos elementos negativos, ao se basearem em frases isoladas desprovidas de contexto, ao invés de enunciados autênticos em uma situação de comunicação concreta. Desse modo, as diversas funções, que seriam esclarecidas pelo contexto, obrigam os autores a considerar um grande elenco de “exceções”.

c) A noção de escopo é básica para a negação, conforme demonstra a grande preocupação dos estudos com a distinção entre negação de sentença e de constituinte. A desambiguação do escopo de uma sentença semântica e sintaticamente negativa é possibilitada, conforme a maioria dos autores examinados, por meio de construções sintáticas auxiliares (*nicht/kein...sondern...*; *não ... mas sim...*), do uso da entonação e, finalmente, pelo contexto lingüístico e situacional em que a sentença se insere. Assim sendo, o estudo de enunciados negativos pertencentes a diálogos autênticos, se não permite a verificação de todas as possibilidades de realização da negação semântica em nível sintático, permite a determinação mais acurada do escopo da negação e da intenção efetiva do falante ao utilizar-se de tal enunciado no desenrolar da comunicação, permitindo inclusive identificar os casos em que elementos sintaticamente negativos são usados sem a função semântica de negação.

Para minha pesquisa, foi necessária uma abordagem teórica que examinasse a construção da frase (por ser ela o primeiro elemento de sentido elaborado pelo falante — cf. INGARDEN 1960), partindo de sua semântica e considerando também elementos contextuais e a intenção comunicativa, a fim de identificar a negação semântica subjacente a um enunciado sintaticamente negativo. Tais premissas levaram-me à teoria da semântica da frase (*Satzsemantik*) de POLENZ (1985) e à gramática de ENGEL (1988).

## 2.1. A Semântica da Frase de Peter von POLENZ:

Em seu livro *Deutsche Satzsemantik*, POLENZ propõe uma abordagem que se aproxima do uso efetivo da língua pelo falante, nativo ou estrangeiro: partindo da

intenção de comunicar um determinado conteúdo, o falante serve-se de seu elenco de regras e elementos lingüísticos e sociais para expressar esse conteúdo.

Assim, um mesmo conteúdo semântico pode ser expresso sintaticamente de várias maneiras. POLENZ afirma que, na semântica frasal, não mais se pergunta pelo significado, por exemplo, da conjunção subordinativa *da*, mas pelas diversas possibilidades sintáticas de expressão para uma relação ‘causal’, o que inclui, além das orações subordinadas causais, partículas como *ja*, *eben*, *doch*, preposições como *wegen*, *aus*, *infolge* e até meios de expressão não-lingüísticos como parênteses, setas, movimentos de mão e de ombros (cf. POLENZ 1985: 51). No entanto, POLENZ não considera a semântica da frase como um substituto para a sintaxe, salientando que ambas devem ser usadas de maneira complementar, como a semasiologia e a onomasiologia, de acordo com os objetivos que se queira alcançar. POLENZ identifica, a partir dessa mudança de direção de pesquisa, duas novas perspectivas:

- na sintaxe: da frase como um todo para seus constituintes;
- na semântica da frase: do conteúdo total da frase para seus constituintes, e só então para suas formas sintáticas (e outras) de expressão.<sup>1</sup>

(POLENZ 1985:50)

A proposta de POLENZ, de se partir de uma base semântica para depois examinar as suas diversas possibilidades de expressão, é especialmente profícua para os estudos da negação, por ser essa um fenômeno que se manifesta em vários níveis lingüísticos e através de diversos meios lexicais.

## 2.2. A Negação na Gramática de Engel

ENGEL (1988) aborda a negação de uma maneira bastante próxima à de POLENZ. ENGEL entende a negação como:

“todas as funções de expressão que têm como objetivo negar algo (*in Abrede stellen*): a adequação ou direito (*Berechtigung*) de uma ilocução, o valor de verdade de uma proposição, a existência de uma grandeza, uma circunstância ou um processo, a presença de uma qualidade. No primeiro caso falamos de Rejeição (*Zurückweisung*), no segundo de Contestação (*Bestreiten*), no terceiro de Exclusão (*Ausnehmen*) e no quarto de Restrição (*Absprechen*).”

(ENGEL, 1988: 779)

<sup>1</sup> Todas as traduções são de minha autoria.

Para cada tipo de negação é apresentado um exemplo, conforme segue:

**Rejeição:** *Sie könnten uns mal Kaffee machen. – Ich denke ja gar nicht daran.*  
(Você bem que poderia nos servir um café. – Eu nem penso nisso!)

**Contestação:** divide-se em dois subtipos:

- a) **Oposição:** *Ina liegt im Krankenhaus – Nein.*  
(Ina está no hospital. – Não)
- b) **Negação:** *Ina liegt nicht im Krankenhaus.*  
(Ina não está no hospital)

**Exclusão:** *Nicht davon wollte ich sprechen.*  
(Não era sobre isso que eu queria falar)

**Restrição:** *Nichtmitglied*  
(‘não-membro’, ‘não-participante’)  
(cf. ENGEL 1988: 779)

ENGEL caracteriza cada um dos tipos acima descritos da seguinte maneira (paráfrase resumida da autora):

A **Rejeição** ocorre quando o falante quer exprimir que o ato de fala anterior é injustificado dentro de um determinado contexto. Não se refere ao conteúdo do enunciado (proposição), mas a seu tipo de ato de fala (ilocução), constituindo sempre um enunciado autônomo e geralmente ligado a uma mudança de turno. /.../

Dentro do tipo **Contestação**, apenas a proposição é rejeitada. Com o primeiro subtipo, a **Oposição**, o falante afirma que o conteúdo de um enunciado anterior (normalmente do interlocutor) não é aplicável. Pode ser expressa pela partícula *nein* (que equivale a uma oração) ou expressões que comutem com ela, como *keineswegs*, *keinesfalls*, *in keinem Falle*, *überhaupt nicht*, etc., por orações ou ainda por uma combinação de todas essas possibilidades. /.../ Com a **Negação** o falante nega um conteúdo (*Sachverhalt*) e com isso afirma o oposto. /.../ a negação /.../ é sempre parte de um enunciado, nunca ela própria pode ser um enunciado. Aos elementos que causam a negação chamamos negatadores de oração (*Satznegatoren*). Eles se referem – dentro de um enunciado – sempre a uma oração (principal ou subordinada) como um todo. Unidades menores que orações principais ou subordinadas não podem ser negadas, mas apenas **excluídas** de uma asserção ou privadas de uma grandeza. (cf. ENGEL, 1988: 779-785)

ENGEL considera que o subtipo **Negação**, correspondente à negação da proposição de POLENZ, é provavelmente a categoria mais freqüente de negação semântica.

Assim como POLENZ, ENGEL também considera a **Negação** como uma atitude do falante:

“A **Negação** não pertence ao conteúdo, ela não é componente de um recorte da realidade; ela representa sempre um acréscimo do falante; não há conteúdos negativos.”  
(ENGEL 1988:785)

O autor salienta ainda, que a possibilidade de **Negação** pode ser restringida pelo contexto, sendo influenciada pelo enunciado anterior ao qual se refere.

O subtipo **Exclusão** refere-se em princípio a termos da oração (*Satzglieder*), ou seja, “elementos diretamente dependentes do verbo” (ENGEL 1988:789) e em casos raros também a atributos.

ENGEL admite, porém, que às vezes pode haver dúvidas se se trata de **Negação** ou **Exclusão**. Para explicitar que se trata desta última, o falante tem três possibilidades em alemão: a construção com *sondern*, a alteração da ordem das palavras na frase e a entonação especial (*op.cit.* 790-92).

Na **Restrição** (*Absprechen*), uma grandeza é privada de uma qualidade ou de um estado. ENGEL (*op.cit.*) afirma que este tipo de negação é especialmente eficiente em nível morfológico, porém é encontrado também em nível de grupos lexicais, no caso de atributos, e em nível da oração, em certos complementos. Nestes dois últimos níveis, segundo o autor, são usados os mesmos elementos sintáticos que caracterizam a **Negação** e a **Exceção**. Conforme os exemplos apresentados, este tipo de negação semântica refere-se basicamente a predicativos introduzidos por verbos de ligação (exemplos 1 e 2), atributos negatados (3) ou uso de antônimos para declarar a ausência de uma qualidade (4):

1. *Sein Vater war (nicht) Aufsichtsratsvorsitzender der Technischen Werke.*  
(= seu pai (não) era presidente do conselho de segurança das indústrias)
2. *Michela ist nicht mißmutig.*  
(= Michaela não é mal-humorada)
3. *Ein Mann (nicht) für den Urlaub.*  
(= Um homem (não) /feito/ para férias)

4. *Eine Frau mit Problemen / Eine Frau ohne Probleme.*

(= Uma mulher com/sem problemas)

(ENGEL 1988:792)

Os seguintes motivos levaram-me a utilizar o enfoque de ENGEL (1988) como base teórica para o estudo:

- Assim como POLENZ (1985), ENGEL parte do conteúdo total da oração para seus constituintes e então para as suas formas sintáticas de expressão;
- ENGEL compartilha com POLENZ o conceito de negação semântica como um elemento não pertencente ao conteúdo proposicional, um acréscimo dependente da atitude do falante;
- ENGEL explicita os dois tipos de negação semântica de POLENZ (acrécimo à proposição e acréscimo a referências) em três categorias bem definidas (Contestação, Exclusão, Restrição – ENGEL), além de contemplar também a negação em nível ilocucional (Rejeição – ENGEL), que POLENZ não aborda em sua obra, por considerá-la um acréscimo ao conteúdo pragmático, pertencente ao campo da lingüística textual (cf. POLENZ 1985:250);
- ENGEL apresenta exemplos e considerações lingüísticas sobre as diferentes realizações sintáticas das quatro categorias de negação semântica.

As abordagens de POLENZ (1985) e ENGEL (1988) são, portanto, compatíveis no que se refere à natureza semântica da negação, sendo que ENGEL apresenta um modelo mais completo de descrição da negação semântica e de suas realizações sintáticas, razão pela qual sua abordagem foi utilizada como base para o estudo das ocorrências de negação no *corpus*.

## 3. A pesquisa

Com base nos critérios semânticos de POLENZ e na tipologia de ENGEL, foram identificadas, em um *corpus* de língua falada, as formas sintáticas com as quais se manifestam os diferentes níveis de negação semântica em português e em alemão e sua frequência de uso. Foram selecionados dois inquéritos publicados na série *A linguagem falada culta da cidade de São Paulo – volume II – Diálogos entre dois informantes* (CASTILHO/PRETI 1987) para o *corpus* em português, e 2 inquéritos do tipo “discussão”, publicados na série *Heutiges Deutsch – Reihe II – Texte* – volumes 1 e 2 (STEGER/ENGEL/MOSER 1971 e 1974), para o *corpus* em alemão. Tendo definido

os inquéritos a serem pesquisados, utilizou-se novamente o sorteio equiprobabilístico sem reposição, recorrendo à tabela de números ao acaso de FISHER & YATES (1971), selecionando 15% do total de linhas impressas dos inquéritos publicados, a fim de compatibilizar o volume de texto a ser analisado.

3.1. Classificação das ocorrências de NEGAÇÃO<sup>2</sup> segundo as categorias de negação semântica

Partindo das categorias definidas por ENGEL, procurei classificar as ocorrências do *corpus*. Porém, durante a análise, chamou-me a atenção o uso repetido pelos falantes de elementos sintáticos negativos, não para contestar ou negar um conteúdo (Oposição/Negação), ou para rejeitar a força ilocucional de um enunciado do interlocutor (Rejeição), mas antes para impedi-lo de seguir o rumo que este imprimia à interação. Este uso da negação é descrito por WEINRICH como:

“/.../ uma instrução do falante para que o ouvinte descarte a(s) expectativa(s) criada(s) durante o desenrolar da comunicação, /.../ para deter o interlocutor e rejeitar sua contribuição à comunicação.” (WEINRICH 1976:80),

Assim, acrescentei uma nova categoria ao elenco de ENGEL, denominando-a Dissensão (*Abweichen*). Considero esta nova categoria como uma variante da Rejeição, pois a Dissensão também não se aplica à proposição, mas sim à interação entre os falantes.

Portanto, as ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa foram classificadas com base nas seguintes categorias semânticas:

1. **rejeição:** o falante quer exprimir que o ato de fala anterior é injustificado dentro de um determinado contexto. Não se refere ao conteúdo do enunciado (proposição), mas a seu tipo de ato de fala (ilocução);
2. **Dissensão:** o falante quer deter seu interlocutor e propor uma mudança no desenvolvimento da interação;
3. **oposição:** o falante sinaliza como não pertinente o conteúdo de um enunciado anterior, geralmente do interlocutor;
4. **Negação:** o falante nega o conteúdo (*Sachverhalt*) de uma proposição e com isso afirma o oposto;

<sup>2</sup> A grafia NEGAÇÃO (caixa alta) é utilizada aqui para indicar a co-ocorrência de negação semântica e sintática, objeto deste estudo.

5. **Exclusão:** o falante exclui um possível elemento de uma asserção;  
 6. **Restrição:** o falante sinaliza que uma determinada qualidade ou estado não se aplica a um dado elemento da proposição.

### 3.2. Classificação das ocorrências de NEGAÇÃO segundo sua forma sintática

Com base nas noções de escopo e elemento focal mencionados no estudo de ILARI *et alii* (1989), as formas sintáticas da NEGAÇÃO são apresentadas como uma fórmula, na qual são representados os seguintes elementos, na ordem que assumem no enunciado em questão:

- a) elemento sintático negativo, conforme relação constituída a partir da bibliografia sobre o tema em ambas as línguas, principalmente com base em HERINGER (1989) e MATEUS *et alii* (1983);  
 b) escopo desse elemento negativo, segundo a concepção apresentada por ILARI *et alii*, de um “conjunto de conteúdos afetados por um operador” (ILARI *et alii* 1989:104);  
 c) elemento focal ao qual se refere o elemento negativo, se houver. Entendemos por elemento focal o constituinte ao qual “a negação parece dirigir-se mais especificamente” (cf. ILARI *et alii* 1989:107)  
 d) expressões complementares negativas, se houver.

Assim, uma notação como: “**não [vb + nenhum + SN]**”, indica a ordem na qual os elementos em questão se apresentam na oração, sendo que o elemento sintático negativo “**não**” tem por escopo o complexo formado pelo verbo (**vb**) e seus complementos, apresentando ainda a expressão complementar negativa **nenhum** e tendo como elemento focal um sintagma nominal (**SN**).

Ao referir-se ao verbo, o elemento negativo geralmente inverte o valor de verdade da proposição como um todo. Assim, o uso de elementos sintáticos negativos como operadores em nível do todo da proposição, sem a presença de um elemento focal, será representada pelas formas **não [vb]** e **[vb] nicht**, respectivamente, em português e alemão.

## 4. Resultados

### 4.1. Ocorrência de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa

Nos diálogos em português, houve 101 ocorrências de elementos sintáticos de negação, enquanto os diálogos em alemão apresentaram 48 ocorrências. Porém, relativamente, a ocorrência de NEGAÇÃO em alemão é maior que nos diálogos em português. A Tabela 1 ilustra a relação entre as ocorrências de NEGAÇÃO e o total de enunciados selecionados.

Tabela 1: Frequência de ocorrência de Negação nos diálogos do *corpus*

Diálogo	Total de Enunciados	Ocorrência de NEGAÇÃO	%	Diálogo	Total de Enunciados	Ocorrência de NEGAÇÃO	%
1	264	62	23,24	1	98	19	19,38
2	311	39	12,18	2	126	29	23,01
Total	575	101	17,56	Total	224	48	21,42

Em termos gerais, pode-se afirmar que a frequência da ocorrência de NEGAÇÃO em ambas as línguas ocorreu numa faixa entre 17 e 22% do total de enunciados, apresentando os diálogos em português uma frequência de NEGAÇÃO menor que no alemão (17,56% e 21,42%, respectivamente). A proporção da ocorrência da NEGAÇÃO nos diálogos em relação ao total de enunciados em ambas as línguas foi de aproximadamente 1 para 5, o que referenda a afirmação de WEINRICH (1976) de que a predominância da afirmação sobre a negação varia de 5 a 10 vezes, de acordo com o texto examinado, conforme mencionamos no referencial teórico. Considerando meus resultados, essa afirmação pode também ser estendida ao português.

Embora a ocorrência de NEGAÇÃO nos diálogos em alemão seja maior em termos absolutos, isto não significa que essa diferença seja significativa. Utilizando o teste estatístico do  $\chi^2$ , verificou-se que a frequência de ocorrência de NEGAÇÃO em diálogos falados do português e do alemão não apresenta diferenças significantes, ao contrário do que afirmam alguns falantes alemães.

### 4.2. Ocorrência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica no *corpus* da pesquisa

A Tabela 2 mostra a frequência de NEGAÇÃO de acordo com as categorias de negação semântica:

Tabela 2: Frequência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica

Categoria	Português		Alemão	
	Valores	%	Valores	%
Rejeição	4	3,96	5	10,41
Dissensão	1	1	7	14,6
Oposição	8	7,92	9	18,75
Negação	68	67,32	19	39,58
Exclusão	12	11,88	6	12,5
Restrição	8	7,92	2	4,16
TOTAL	101	100	48	100

Os resultados obtidos foram submetidos a um teste de homogeneidade, a fim de verificar se a distribuição da NEGAÇÃO pelas diversas categorias ocorre de modo homogêneo dentro de cada língua. Em português, as ocorrências dos tipos Rejeição e Dissensão foram somadas para efeito de aplicação do teste, pois suas frequências individuais eram baixas demais e poderiam prejudicar a eficiência dos resultados. Utilizando novamente o teste do  $\chi^2$ , concluiu-se que a ocorrência da NEGAÇÃO não é homogênea quanto à sua distribuição pelas categorias de negação semântica aqui definidas.

Examinando as relações entre os diversos tipos em português, podemos notar que o tipo Negação é altamente privilegiado, com 67,32% dos casos. Estes resultados remetem à observação de ENGEL (*op.cit.*), de que a Negação é a categoria mais frequente em alemão. Essa observação aplica-se portanto também ao português.

Em português a distribuição entre as categorias é bastante desigual. A segunda categoria mais frequente, a Exclusão, tem aproximadamente um quinto da frequência da Negação (11,88% contra 67,32%). As categorias Restrição e Oposição apresentam a mesma frequência geral (7,92%), embora não houvesse qualquer ocorrência de Oposição no Diálogo 2 do português. A menor ocorrência em português foi do tipo Dissensão, representada por apenas 0,99% no cômputo geral e não ocorrendo absolutamente no Diálogo 2.

As diferenças na frequência de ocorrências dos tipos Dissensão e Oposição entre os dois diálogos em português talvez devam-se à interação subjacente a cada um. O Diálogo 1 é uma discussão entre dois irmãos com formações profissionais bastante diferentes (um engenheiro e uma psicóloga), o que deixa entrever um antagonismo maior do que o possibilitado pelo Diálogo 2, no qual dois parentes de idade avançada comparam suas experiências de infância. Isto explicaria a inexistência de ocorrências de Dissensão e Oposição no Diálogo 2, assim como o aumento de frequência do tipo Exceção, muitas vezes utilizado para corrigir partes de enunciados do interlocutor.

Quanto à distribuição das diversas categorias em alemão, o teste de homogeneidade permitiu afirmar que a distribuição da NEGAÇÃO pelas categorias de negação semântica em alemão também não é homogênea, com predominância do tipo Negação.

Em alemão, a distribuição da NEGAÇÃO pelas categorias é mais uniforme que em português. Embora também haja predomínio da Negação (39,58%), a segunda categoria mais representada é a Oposição, com 18,75%, seguindo-se em ordem decrescente a Dissensão (14,58%), a Exclusão (12,50%) e a Rejeição (10,41%), sendo a categoria Restrição a menos representada (4,16%). A alta frequência das categorias Contestação e Dissensão também poderia ser atribuída às características da interação entre os falantes. Os diálogos em alemão pertencem ao grupo de diálogos do *Freiburger Corpus* denominados "Discussão"; nestes diálogos, os participantes defendem geralmente posições antagonicas, levando assim provavelmente a um aumento da frequência dos tipos Contestação e Dissensão.

Os testes sobre a correlação entre a valorização do uso das diversas categorias de negação semântica nas duas apontaram um uso diferenciado da NEGAÇÃO em português e em alemão. Apesar da possibilidade de uma interação subjacente aos diálogos em alemão ter inflacionado a ocorrência das categorias Rejeição, Dissensão e Contestação, a diferença da frequência de ocorrência de elementos sintáticos negativos com essas funções em português e alemão é altamente significativa. O Diálogo 1 em português apresenta falantes com pontos de vista bastante diferentes, assim como o Diálogo 1 em alemão, e ainda assim a baixa frequência dessas categorias se mantém para o português. As ocorrências de NEGAÇÃO nas três categorias citadas (respectivamente de 3,96%, 0,99% e 7,92%) são as menores em português, sendo a ocorrência na Dissensão praticamente inexistente. Os índices em alemão para os três tipos em questão são respectivamente de 10,41%, 14,58% e 18,75%, sendo os tipos Contestação e Dissensão respectivamente a segunda e a terceira categorias mais frequentes no *corpus* em alemão. De posse destes dados podemos concluir que os falantes alemães utilizam muito mais frequentemente elementos sintáticos negativos para expressar desacordo com o seu interlocutor, que os falantes brasileiros. Isto posto, surge uma pergunta: como os brasileiros expressam seu desacordo com o interlocutor, se não por meio de elementos sintáticos negativos?

Por outro lado, o tipo Negação, predominante em ambas as línguas, apresenta em português quase o dobro da frequência em alemão (67,32% e 39,58%). Como a frequência relativa de uso da NEGAÇÃO é praticamente a mesma em ambas as línguas, conforme exposto na TABELA 01, poderíamos concluir à primeira vista, que o português utiliza-se muito mais frequentemente de elementos sintáticos negativos para apresentar uma proposição negativa do que o alemão, ou ainda que os brasileiros apresentam muito mais proposições negativas em seus diálogos que os alemães.

### 4.3 Formas sintáticas de NEGAÇÃO em português e alemão

Após a análise do *corpus*, foram encontradas as seguintes formas sintáticas de NEGAÇÃO:

#### a) EM PORTUGUÊS:

##### a) **não** (sent.)

“nãõ” como representação de uma sentença negativa, considerado por ILARI *et alii* (*Op.cit.*: 131-132) como uma construção elíptica

##### b) [SN] **nãõ** (sent.)

Sintagma nominal seguido do operador “nãõ” como representação de uma sentença negativa;

##### c) [Adv.] **nãõ** (sent.)

Advérbio seguido de “nãõ” como representação de sentença negativa;

##### d) **nãõ** [vb.]

O operador “nãõ”, aplicado ao verbo, refere-se ao todo da predicação, sem elemento focal;

##### e) **nãõ** [vb.+ nada]

Aqui o elemento focal é uma expressão complementar obrigatória, que só poderia ser substituída pela forma “coisa alguma”, não podendo ser suprimida, a não ser através de seu deslocamento para uma posição anterior ao verbo;

##### f) **nãõ** [vb. + SN]

O elemento focal aqui é um sintagma nominal, embora a negação possa também estender-se a toda a proposição;

##### g) **nãõ** [vb.+nenhum+SN]

Aqui também o elemento focal é um sintagma nominal, porém precedido da expressão complementar negativa **nenhum(a)**, geralmente de caráter opcional, conforme pudemos deduzir das ocorrências do *corpus*;

##### h) **nãõ** [vb.+ adj.]

Aqui o elemento focal é um adjetivo, sendo que a negação não afeta o sintagma nominal do qual o adjetivo faz parte;

##### i) **nãõ** (sent.) [SN]

O operador “nãõ” tem por escopo apenas um sintagma nominal, não afetando a proposição da qual este faz parte;

##### j) **nem** [vb.+ nada]

Esta é na realidade uma variante do tipo e) descrito anteriormente, porém utilizado na coordenação de duas orações negativas. A expressão complementar “nada” também é obrigatória;

##### l) **nem** [SN]

Também representa uma variante, desta vez do tipo i), utilizada para coordenação de negações que tenham por escopo sintagmas nominais;

##### m) **sem** [SV]

O escopo do elemento negativo “sem” é um sintagma verbal, geralmente uma oração reduzida de infinitivo. Também neste caso a negação se estende ao todo da predicação subordinada, sem elemento focal;

##### n) **sem** [SN]

Correspondente ao tipo i), tendo as mesmas características, porém com o operador “sem”;

##### o) **sem** [nenhum + SN]

Este tipo corresponde ao item acima, porém com a expressão complementar “nenhum(a)”, a qual é opcional nos exemplos encontrados no *corpus*;

##### p) **nada** [adv.]

Aqui o escopo é um advérbio, sendo que a proposição não é afetada pela negação;

##### q) **nunca** [vb.]

É uma variante do tipo b), acrescentando-se uma nuance temporal. A negação estende-se a toda a proposição;

##### r) **expressão**

Aqui são listadas as ocorrências da expressão “a não ser”, a qual é utilizada na interação como “negação da negação”, ou seja, para indicar uma exceção a um conteúdo negativo anteriormente citado.

## b) EM ALEMÃO

A análise do *corpus* apresentou as seguintes possibilidades de expressão da NEGAÇÃO em alemão:

a) **nein**

Partícula correspondente a uma oração negativa;

b) **[vb.] nicht**

O elemento negativo “**nicht**” tem por escopo toda a proposição, sem elemento focal;

c) **[vb.] nicht [SN]**

Aqui o elemento “**nicht**” apresenta um sintagma nominal como elemento focal, mas também pode ter por escopo toda a proposição;

d) **[vb.] nicht [adj./adv.]**

O elemento focal de “**nicht**” é agora um adjetivo ou um advérbio. As duas possibilidades foram reunidas em um só item, pois na maioria dos casos não há distinções formais entre adjetivos e advérbios em alemão. Tal distinção só acontece pela função que exercem na oração;

e) **[vb.] kein [SN]**

Neste item, o elemento negativo “**kein**” apresenta como elemento focal um sintagma nominal, mas também pode ter por escopo toda a proposição.

f) **[vb.] keinerlei [SN]**

Este item é na realidade uma variante do caso anterior, sendo que o elemento “**keinerlei**” acrescenta ênfase à negação, correspondendo aproximadamente a “de modo algum”;

g) **ohne (zu) [SV]**

“**Ohne**” é uma preposição que pode ser utilizada para negativar sintagmas verbais, os quais correspondem então a predicções subordinadas, que se apresentam sempre na forma infinitiva, precedida da partícula “**zu**”. Por esse motivo, muitos autores consideram “**ohne ... zu**” como uma conjunção descontinuada (cf. NIEDER, 1987: 142).

h) **[vb] nichts**

O elemento “**nichts**” atua sobre o todo da proposição;

i) **[vb.] nie**

Aqui a proposição é afetada pelo elemento “**nie**”, o qual acrescenta à negação uma nuance temporal;

j) **expressão**

Aqui listamos as ocorrências da expressão idiomática “*nichts mit etwas zu tun haben*” (= “não ter nada a ver com algo”).

4.4 Frequência de ocorrência no *corpus* e distribuição pelas categorias de NEGAÇÃO

Observa-se, em primeiro lugar, um maior número de possibilidades de expressão sintática em português que em alemão, devido principalmente à possibilidade de expressar a NEGAÇÃO com o auxílio de expressões complementares negativas (dupla negação), que não existe em alemão.

Examinando o total de ocorrências das diferentes formas sintáticas, sem considerar a sua ocorrência nas diferentes categorias, nota-se em português uma grande predominância da estrutura **não[vb.]**, com mais de 50% das ocorrências (51,48%). Seguem-se as formas **não (sent.)**, com 13,86% das ocorrências, e **não [vb.+ SN]**, com 8,91% das ocorrências. Entre as demais formas sintáticas, destacam-se ainda **[adv.] não (sent.)**, com 3,96% e **nunca [vb.]**, com 2,97%. As demais formas apresentam sempre frequência inferior a 2%.

Em alemão, as ocorrências de NEGAÇÃO distribuem-se de maneira mais uniforme pelas formas sintáticas possíveis. As duas formas predominantes são **[vb.] nicht**, com 27,08% das ocorrências, e **nein**, com 25%, seguidas de **[vb.] kein [SN]** (16,66%), **[vb.] nicht [adj./adv.]** e **[vb] nie** (8,33% cada) e **[vb.] nichts** (4,16%). As demais possibilidades apresentaram uma frequência de 2,08% cada.

Apresento agora a ocorrência das diversas formas sintáticas por **categoria de negação semântica** em português e em alemão.

## a) EM PORTUGUÊS:

- **Rejeição:** As ocorrências distribuíram-se igualmente entre as formas **não (sent.)** e **não [vb.]**

- **Dissensão:** Houve apenas uma ocorrência, representada pela forma **não [vb.]**
- **Oposição:** As ocorrências desta categoria apresentaram significativa predominância da forma **não (sent.)**, com metade das ocorrências, seguida da forma **não [vb.]**. Os restantes 25% distribuíram-se igualmente entre as formas **não [vb.+ nada]** e **nem [vb.+ nada]**.
- **Negação:** Esta categoria apresenta a maior diversidade de formas sintáticas possíveis, porém, com a forte preponderância da forma **não [vb.]**, com 66,17% das ocorrências. A segunda forma mais utilizada, **não (sent.)** (11,76), restringe-se a aproximadamente um quinto das ocorrências de **não [vb.]**, enquanto as demais possibilidades não chegam a romper a barreira dos 4,5% cada uma. Assim, apesar de apresentar a maior diversidade de possibilidades de formas sintáticas, a inversão do valor de verdade da proposição (ou seja, a **Negação**) parece ter seu protótipo na forma **não [vb.]**.
- **Exclusão:** Esta categoria apresenta uma distribuição bastante equilibrada entre as diversas formas sintáticas. a predominância é da forma **não [vb.+ SN]**, com 33,33% das ocorrências, seguida das formas **[adv.] não (sent.)** e **expressão**, cada uma com 16,66% do total de ocorrências, e **[SN] não (sent.)**, **[SN] não [vb.]**, **[adj.] não [vb.]** e **não [SN]** (8,33% cada uma). Como a categoria em questão refere-se à exclusão de termos de uma asserção, era esperada a predominância de formas sintáticas com elemento focal. Observa-se também o fenômeno da topicalização, colocando-se o elemento focal no início da frase, precedendo o elemento negativo.
- **Restrição:** Nesta categoria há predominância de ocorrências das formas **não [vb.]** e **sem [SN]**, cada uma com 25% do total, seguidas pelas formas **não [vb.+ SN]**, **não [vb.+ adj.]**, **sem [vb.]** e **sem [nenhum + SN]**, com 12,5% cada uma. É surpreendente que, também nesta categoria, a forma **não [vb.]** apresente uma ocorrência elevada. Examinando os enunciados constantes dos diálogos, podemos observar que os exemplos listados apresentam em sua maioria um dos chamados “verbos de ligação” (ser, estar, etc.) ou o verbo “ter”, casos nos quais o verbo é praticamente desprovido de sentido, funcionando apenas como “ponte” entre o substantivo e sua qualidade.

#### b) EM ALEMÃO:

- **Rejeição:** Nesta categoria, observamos a grande predominância da forma *nein*, com 60% das ocorrências. Os 40% restantes dividem-se igualmente entre as formas *[vb.] nicht* e *[vb.] kein [SN]*
- **Dissensão:** Novamente aqui pode-se notar a grande preponderância da forma *nein* (42,85%). As demais formas, a saber: *expressão*, *[vb.] nicht*, *ohne (zu) [vb.]* e *[vb.] nichts*, apresentam cada uma a freqüência de 14,28%.

- **Oposição:** Ainda nesta categoria, a forma *nein* apresenta preponderância, com 33,33% das ocorrências, o dobro da freqüência de cada uma das duas formas seguintes, *[vb.] nicht* e *[vb.] nie* (22,22% cada). Seguem-se as formas *[vb.] nicht [adj./adv.]* e *[vb.] nichts*, com 11,11% cada.
- **Negação:** A predominância nesta categoria cabe à forma *[vb.] nicht* (47,36%), sem elemento focal, o que seria de se esperar em uma categoria que se refere ao todo da proposição. Porém, a sua diferença com relação à segunda forma mais utilizada não é tão aguda como no português: a segunda forma mais freqüente, *[vb.] kein [SN]*, apresenta 26,31% do total de ocorrências, pouco mais da metade da porcentagem de *[vb.] nicht*. Seguem-se ainda as formas *nein* e *[vb.] nie*, com 10,52%, sendo que a forma *[vb.] keinerlei [SN]*, apresenta uma freqüência de 5,26%.
- **Exclusão:** As ocorrências desta categoria dividiram-se entre quatro formas sintáticas: *[vb.] kein [SN]* e *[vb.] nicht [SN]*, cada uma com 33,33% do total, e *nein* e *[vb.] nicht [adj./adv.]*, cada qual com 16,66%. É de se notar a presença de elemento focal em quase todas as formas, demarcando o termo a ser excluído da proposição.
- **Restrição:** A totalidade das ocorrências desta categoria nos diálogos em alemão apresentou-se sob a forma *[vb.] nicht [adj./adv.]*. Note-se que, como na **Restrição** em português, o verbo em questão é também esvaziado de seu sentido, funcionando como “ponte” entre os elementos da predicação. Segundo ENGEL (*op.cit.*), esta categoria é em alemão especialmente produtiva em nível morfológico, o que talvez explique a baixa freqüência de ocorrência da categoria no cômputo geral, pois foram examinadas apenas ocorrências de NEGAÇÃO em nível sintático.

## 5. Conclusões

### 5.1 Freqüência da NEGAÇÃO em ambas as línguas

A freqüência da ocorrência de NEGAÇÃO (i.e., expressão de negação semântica por meio de elementos sintáticos negativos) em ambas as línguas não apresentou diferença significativa, o que invalida os comentários de vários falantes alemães, de que “brasileiros não sabem dizer não”.

### 5.2 Freqüência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica

A distribuição das ocorrências de NEGAÇÃO pelas categorias semânticas forneceu-nos um indício da origem da afirmação citada no item anterior. As ocorrências de

NEGAÇÃO em português e alemão diferenciam-se de maneira aguda quando observadas em relação à categoria de negação semântica para a qual foram utilizadas pelos falantes no decorrer dos diálogos.

Em português, nota-se a grande preponderância da ocorrência de NEGAÇÃO na categoria semântica Negação (67,32%), a qual apresenta conteúdos com inversão do valor de verdade, e a baixa frequência de NEGAÇÃO nas categorias que se opõem à força ilocucional, à condução da interação ou aos conteúdos apresentados por parte do interlocutor (Rejeição, Dissensão e Oposição, respectivamente com frequência de 3,96%, 0,99% e 7,92%).

Em alemão, as ocorrências de NEGAÇÃO distribuem-se de modo mais homogêneo que em português. A ocorrência de NEGAÇÃO nas três categorias citadas apresenta-se dentro do esperado (respectivamente com 10,41%, 14,58% e 18,75% das ocorrências), sendo essas as três categorias mais representadas após a Negação (com 39,88%), que apesar de ser a categoria mais frequente, não é tão preponderante como no português.

Com base nestas observações e naquelas apresentadas no item 1, pode-se afirmar que os falantes brasileiros utilizam-se tanto de elementos sintáticos negativos quanto os falantes alemães, mas não nas mesmas situações. Estudos específicos sobre a expressão sintática da Rejeição, Dissensão e Oposição em ambas as línguas trariam certamente resultados muito esclarecedores sobre dificuldades de comunicação entre brasileiros e alemães nessas situações. É possível que os falantes transfiram os padrões de expressão de sua língua para a língua estrangeira, dando origens a interferências, não somente em nível da construção sintática da frase, mas principalmente em nível de sua adequação pragmática.

Tais interferências, ainda pouco estudadas, têm graves efeitos sobre a comunicação e a integração de indivíduos que precisam interagir no contexto socio-cultural de uma língua estrangeira, principalmente quando as conseqüências negativas de tais interferências aumentam à medida que o aprendiz atinge um nível mais adiantado no domínio da língua estrangeira. Nos primeiros estágios do aprendizado, os reduzidos recursos de expressão na língua estrangeira atuam como uma “defesa” para o aprendiz iniciante, pois sinalizam imediatamente a sua condição de não pertencente à cultura da língua estrangeira, o que resulta em uma maior atenção e tolerância do ouvinte quanto a enunciados e atitudes divergentes daquelas da cultura do grupo em questão.

Porém, conforme o aprendiz aperfeiçoa-se na língua estrangeira, os enunciados e atitudes anômalas tornam-se cada vez mais esporádicos e, exatamente por isso, ganham uma nova dimensão na interação com os membros da cultura estrangeira. Dominando a língua do grupo, o falante estrangeiro é aceito como um de seus mem-

bro, desarmando os mecanismos de proteção e tolerância. Os enunciados e atitudes anômalas passam então a ser vistos como quebra das expectativas do grupo, as quais estão na base do entendimento e da confiança mútuos, podendo inclusive ser interpretadas como provocação ou outras atitudes semelhantes (cf. EHLICH, 1986: 50).

Esse tipo de produção linguística inadequada produzida por falantes estrangeiros é denominado “xenismo” (*Xenismen*) por EHLICH e assim definido:

“Xenismos são produções linguísticas que se movimentam à margem do sistema da língua, mas que também estão presentes na realização linguística desse sistema. Podem atingir todos os níveis: fonológico, morfológico, lexical, idiomático, sintático, pragmático. /.../ Eles colocam em xeque a base comum da comunicação, apontam o falante como não pertencente ao grupo e podem levar a uma insegurança na comunicação. /.../ Disso resulta, para o receptor, uma ambivalência na atribuição de pertinência ao grupo, o que pode levar a uma permanente irritação.”

(EHLICH, 1986: 50-51)

Se o interlocutor não souber ou não for capaz de reagir positivamente aos distúrbios comunicativos causados pelos xenismos, ele pode desenvolver uma aversão ao falante estrangeiro, evitando ou mesmo interrompendo definitivamente a comunicação.

EHLICH (1986) cita como exemplos de xenismo em nível pragmático o uso de fórmulas de cortesia em contextos nos quais são sentidas como impróprias, ou sua falta onde são imprescindíveis. Parece-nos que a expressão sintática imprópria da Rejeição, Dissensão e Oposição em português e alemão é uma possível fonte de xenismos, gerando irritação nos falantes nativos e levando à formação de preconceitos quanto ao falante estrangeiro. Falantes alemães queixam-se da “dissimulação e falta de franqueza” dos brasileiros, que “não sabem dizer não”. Por outro lado, muitos brasileiros consideram os alemães como rudes, frios e objetivos. Em contatos entre indivíduos das duas culturas, nos quais surgissem situações de Rejeição, Dissensão ou Oposição, falantes brasileiros provavelmente seguiriam as tendências de sua cultura, evitando utilizar-se de elementos sintáticos negativos para expressá-las e frustrando assim as expectativas dos falantes alemães, os quais esperariam enunciados contendo tais elementos, de acordo com sua cultura. Assim, do ponto de vista dos falantes alemães, os falantes brasileiros seriam “incapazes de dizer não” e, por conseguinte, dissimulados.

Por sua vez, a utilização da NEGAÇÃO por parte dos falantes alemães em situações de Rejeição, Dissensão ou Oposição seria provavelmente encarada por um falante brasileiro como falta de tato e rudeza, por não corresponder ao seu padrão cul-

tural, que parece ser de não utilizar elementos sintáticos negativos em tais situações. Seriam interessantes estudos mais minuciosos que verificassem estas hipóteses em situações do cotidiano, nas duas culturas. De acordo com os resultados de tais pesquisas, seriam ainda necessárias sugestões de didatização do problema, conscientizando os aprendizes da língua estrangeira para a importância de tais interferências, bem como para seu caráter cultural, eliminando os preconceitos e evitando a super-valorização das características de uma ou outra cultura em questão.

### 5.3. Formas sintáticas de NEGAÇÃO em ambas as línguas

Em português, nota-se a grande predominância do operador **não**. Somando-se todas as suas ocorrências (como representante de uma sentença negativa, dominando um verbo, um sintagma nominal, um adjetivo ou um advérbio, com ou sem elemento focal ou expressão complementar negativa), o operador **não** responde por 87,16% de todas as ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa, confirmando-se como o “advérbio de negação por excelência” (cf. ILARI *et alii*, 1989: 131). Chama também a atenção o fato de o operador **não** poder ser posposto ao elemento que se quer excluir, o que pode ser encarado como uma forma elíptica de uma sentença negativa com o elemento focal topicalizado (i.e., deslocado para o início da sentença). A topicalização aparece freqüentemente no *corpus* em casos de Exclusão, em geral para corrigir partes de enunciados do interlocutor.

Em alemão, a distribuição entre as formas sintáticas é mais equilibrada. A forma [*vb.*] *nicht* é preponderante, com um total de 39,57% ao considerarmos todas as possibilidades (com ou sem elemento focal). A segunda forma mais utilizada é *nein*, com 25% das ocorrências, seguida de [*vb*] *kein* [*SN*], com 16,66%.

### 5.4. Possíveis pontos de interferência relativos à NEGAÇÃO em ambas as línguas

Assim como a NEGAÇÃO abrange diferentes níveis lingüísticos, entre os quais o sintático e o semântico, as possíveis interferências também podem manifestar-se em diferentes níveis.

#### 5.4.1 Com referência às categorias de negação

Os falantes nativos do português, seguindo o padrão de sua língua/cultura, provavelmente evitarão utilizar-se de formas sintáticas negativas da língua de chegada em situações de Rejeição, Dissensão e Oposição, sendo passíveis de dificuldades de comunicação com falantes alemães. Assim, os aprendizes de língua alemã brasilei-

ros devem ser alertados para a necessidade de expressarem sintaticamente sua posição com formas negativas da língua de chegada em situações de Rejeição, Dissensão e Oposição. Seriam necessários exercícios didáticos que levassem o aprendiz a reconhecer tais situações e a expressar-se apropriadamente, o que poderia ser desenvolvido em estudos didáticos complementares.

Por outro lado, os falantes nativos do alemão devem ser sensibilizados para o fato de que a verbalização da Rejeição, Dissensão e Oposição por meio de formas sintáticas negativas da língua de chegada pode ser considerada como rude pelos brasileiros. Além disso, devem também ser sensibilizados para o fato de que a menor utilização de formas sintáticas negativas em tais situações é um dado cultural que deve ser encarado como tal, e não como falta de sinceridade.

O grande perigo ao ser evitado em uma abordagem didática do problema é a formação e consolidação de estereótipos. O professor deve antes alertar os alunos para a existência do problema, sugerindo talvez formas de expressão intermediárias ou mais neutras. Porém, este seria também um tema para um estudo didático aprofundado.

#### 5.4.2 Com referência às formas sintáticas da NEGAÇÃO

Os processos de negação em cada língua são bastante semelhantes: há a possibilidade de um elemento negativo representar toda uma sentença negativa; há a possibilidade de negar toda a proposição, com ou sem elemento focal, e também de excluir um dado elemento dessa proposição, ou de assinalar que uma qualidade ou estado não se aplica a um termo da proposição.

Essa semelhança dos processos de negação semântica contribui em parte para a possibilidade de interferências entre as duas línguas, pois os elementos sintáticos utilizados para expressá-los não são sempre correspondentes. Em português, por exemplo, o operador **não** é utilizado para representar uma sentença negativa, sendo que o mesmo operador pode ser utilizado para expressar a negação da proposição. Em alemão, porém, há uma forma especial para representar uma sentença negativa, a forma *nein*, que tem somente essa função, não sendo normalmente utilizada nessa situação o operador da negação de proposição, *nicht*. Essa particularidade pode levar o falante brasileiro a produzir enunciados inadequados, como no exemplo:

– *Kommst du morgen?* – \* *Nicht!*  
(= Você vem amanhã? – Não!)

Quanto à negação da proposição, o português apresenta predominância da forma **não** [*vb.*], sem elemento focal. Também em alemão existe essa possibilidade,

com a forma [vb.] *nicht*. Note-se que no alemão o elemento negativo é posposto ao verbo conjugado (na oração principal), ao contrário do que acontece em português. Porém, apesar de a forma [vb.] *nicht* também ser preponderante em alemão, a participação da forma [vb.] *kein* [SN] como negação da proposição também é bastante significativa, apesar da presença de um elemento focal, não sendo ainda sempre intercambiável com a forma [vb.] *nicht* [SN]. Assim, o falante brasileiro provavelmente terá dificuldades em utilizar corretamente a forma [vb.] *kein* [SN] como expressão de uma negação de toda a proposição, tendendo à forma [vb.] *nicht*, por vezes de maneira incorreta, como em:

Eu não tenho trabalho — \* *Ich habe nicht Arbeit*

Por outro lado, também terá dificuldades na expressão de negação com elemento focal, tendendo à forma [vb.] *nicht* [SN] por analogia com o português, embora essa forma nem sempre possa substituir a forma [vb.] *kein* [SN], principalmente na presença de SN incontáveis ou plurais, nas quais se prioriza o uso de *kein*:

Eu não tenho livros — \* *Ich habe nicht Bücher*

Eu não comprei café — \* *Ich habe nicht Kaffee gekauft*

As sentenças apresentadas acima não são gramaticalmente inaceitáveis em alemão, mas não são exemplos de negação da proposição (Negação) e sim de exclusão de referentes (Exclusão), geralmente complementadas com a expressão *sondern*, conforme descrito por STICKEL (1970).

Outro risco que corre o falante brasileiro, é o de identificar a forma negativa *kein* com a expressão complementar negativa portuguesa **nenhum(a)**, sem reconhecer o seu caráter de operador em nível da proposição, ainda que não aplicado diretamente ao verbo.

Quanto aos mecanismos de exclusão de referentes, as ocorrências no *corpus* em português mostram uma tendência à topicalização do elemento a ser excluído, que é anteposto ao elemento negativo **não**. Esta possibilidade também existe em alemão, apesar de o *corpus* aqui examinado não apresentar qualquer exemplo, o que nos leva a crer que o procedimento é menos utilizado em alemão que em português. Além disso, apenas a forma *nicht* pode ser posposta ao elemento topicalizado em alemão, o que pode gerar sentenças incorretas pela analogia com o uso de **não** e *nein* como representantes de sentenças negativas:

— É verdade que Peter comprou um mercedes?

— Um mercedes não, um volkswagen!

— *Ist es wahr, daß Peter einen Mercedes gekauft hat?*

— *Einen Mercedes nein\*, einen Volkswagen!*

Outra dificuldade para os falantes brasileiros é a colocação de *nicht* na sentença. Os falantes brasileiros têm tendência a identificar *nicht* com o operador **não**, que, em português, é fortemente ligado ao verbo, assumindo sempre uma posição proclítica, conforme destacado por ILARI *et alii* (1989). O escopo da negação é então freqüentemente determinado unicamente por meio do contexto, como nos exemplos:

a) **Eles não foram à praia.** [NEG (eles, ir à praia)]

b) **Eles não foram à praia.** [(NEG (eles)), ir à praia]

c) **Eles não foram à praia.** [eles, ir (NEG (praia))]

d) **Eles não foram à praia.** (i.e. ficaram a dormir)

[eles, (NEG (ir, à praia))]

(MATEUS *et alii*, 1983: 155)

O *nicht* alemão apresenta maior mobilidade dentro da sentença, conforme apontado por KOLLER (1988). Além de ser normalmente posposto ao verbo, ao contrário do português, ele é posicionado antes do termo a ser excluído, novamente contrariando a tendência do **não** em português e apresentando várias possibilidades de colocação, como nos exemplos:

a) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren.*

(= eles não foram para casa ontem, ficaram aqui)

b) *Sie sind nicht gestern nach Haus gefahren. (sondern vorgestern)*

(= eles não foram para casa ontem. (e sim anteontem))

c) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren. (sondern zum Hotel)*

(= eles não foram para casa ontem. (e sim para um hotel))

d) *Sie sind gestern nach Haus nicht gefahren. (sondern geflogen)*

(= eles não foram para casa de carro ontem. (e sim de avião))

Pode-se notar a posição fixa de **não** nos exemplos em português e a determinação do escopo da negação pelo deslocamento de *nicht* em alemão. Falantes brasileiros provavelmente terão dificuldades em posicionar o elemento *nicht* de forma correta,

pois ainda entram em jogo diversas variáveis, como entonação e expressões complementares, conforme descrito por STICKEL (1970) e ENGEL (1988), entre outros, as quais mereceriam um estudo à parte.

A escolha correta entre os elementos *nicht* e *kein* para a negação da proposição e a colocação correta de *nicht* para excluir um termo da sentença são provavelmente as maiores dificuldades enfrentadas pelo falante brasileiro para construir corretamente sentenças negativas no alemão.

Do ponto de vista do falante alemão, a expressão sintática da NEGAÇÃO em português não apresenta grande dificuldade, devido principalmente ao quase monólio do operador *não* e sua posição proclítica. Apenas o uso de expressões complementares negativas (dupla negação) pode trazer problemas, embora a dupla negação pareça ser obrigatória apenas no caso de *nada* como objeto, a julgar pelos exemplos do *corpus*. Os falantes alemães terão provavelmente maior dificuldade em compreender corretamente sentenças negativas em português, pela menor utilização de estratégias sintáticas de demarcação do escopo da negação, que deve ser depreendido através do contexto lingüístico.

Espero, com esta apresentação, ter ilustrado a necessidade de estudos contrastivos específicos sobre a negação sintática e semântica em português e alemão, visando não só a uma aprendizagem mais rápida e efetiva da língua estrangeira, mas também à prevenção de possíveis choques culturais decorrentes do uso de formas inadequadas às diversas situações de negação.

## Referências bibliográficas

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & PRETI, Dino (Org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Vol. I, São Paulo, T.A. Queiroz 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Vol. II, São Paulo, T.A. Queiroz 1987.
- DROSDOWSKI, Günther (Org. e Ed.). *DUDEN – Band 4 – Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim, Bibliographisches Institut 1984.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Julius Groos Verlag 1988.
- EHLICH, Konrad. "Xenismen und die bleibende Fremdheit des Fremdsprachensprechers". In: HESS-LÜTTICH, Ernst W.B. (Ed.). *Integration und Identität*. Tübingen, Gunter Narr 1986, 43-54.

- FISCHER, Ronald A. / YATES, Frank. *Tabelas Estatísticas para Pesquisa em Biologia, Medicina e Agricultura*. Trad. de Salvador Licco Haim. São Paulo, EDUSP/Polígono 1971.
- FREUD, Sigmund. "Die Verneinung" (1925). In: *Sigmund Freud – Studienausgabe*. Band 3 – Psychologie des Unbewußten. Frankfurt a.M, Fischer Taschenbuch Verlag 1982.
- HELBIG, G. & ALBRECHT, A. *Die Negation*. (1973) 4. unveränderte Auflage. VEB Verlag Enzyklopädie Leipzig 1981.
- HELBIG, G. & BUSCHA, J. *Kurze deutsche Grammatik für Ausländer*. (1974) 3. unveränderte Auflage, VEB Verlag Enzyklopädie Leipzig 1980.
- HERINGER, Hans Jürgen. *Lesen Lehren Lernen – Eine rezeptive Grammatik des Deutschen*. Tübingen, Niemeyer 1989.
- HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa. *Portugiesische Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag 1982.
- ILARI, Rodolfo *et alii*. "Considerações sobre a ordem dos advérbios" (1989). In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado – Volume I: A Ordem*. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP 1990, 63-141.
- KOLLER, Erwin. "Äquivalente Negierungen im Deutschen und Portugiesischen". In: *Sprachwissenschaft*. Band 13, Heft 1/2, Heidelberg 1988, 68-117.
- KÜRSCHNER, Wilfried. *Studien zur Negation im Deutschen*. Studien zur Deutschen Grammatik 12, Tübingen, Gunter Narr 1983.
- MATEUS, Maria Helena *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina 1983.
- MEIRELES, Selma M. *A negação sintaticamente explícita em diálogos falados do português e do alemão* (Dissertação de mestrado não publicada). São Paulo, FFLCH/USP 1991.
- NIEDER, Lorenz. *Lernergrammatik für Deutsch als Fremdsprache*. München, Hueber 1987.
- POLENZ, Peter v. *Deutsche Satzsemantik*. Berlin/New York, de Gruyter 1985.
- SENNEKAMP, Marita. *Die Verwendungsmöglichkeiten von Negationszeichen in Dialogen*. München, Max Hueber 1979.
- SERPEL, Robert. *Influência da Cultura no Comportamento*. (1976). Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar Editores 1977.

STEGER, Hugo; ENGEL, Ulrich & MOSER, Hugo (Ed.). *Heutiges Deutsch – Reihe II – Texte – Texte deutscher gesprochener Standardsprache 1*. München, Max Hueber 1971.

\_\_\_\_\_. *Heutiges Deutsch – Reihe II – Texte – Texte deutscher gesprochener Standardsprache 2*. München, Max Hueber 1974.

STICKEL, Gerhard. *Untersuchungen zur Negation im heutigen Deutsch*. Braunschweig, Vieweg Verlag 1970.

UNESCO (Ed.). *Language, Identity and Communication*. Paris 1986.

WEINRICH, Harald. "Negationen in der Sprache". In: WEINRICH, Harald – *Sprache in Texten*, Stuttgart, Klett 1976.

## Os verbos *ser* e *estar* do português em oposição ao verbo *sein* do alemão

Maria Aparecida Cardoso\*

Maria Helena Voorsluys Battaglia\*\*

**Abstract:** People who learn Portuguese usually have difficulties in using two of the most frequent verbs of the Portuguese verbal system: *ser* and *estar*. Native speakers of German for example fail to easily identify the differences between these verbs, which are compared with the German verb *sein*.

Our purpose is to describe these verbs, their meaning and function, and also to attempt to find criteria to help learners to identify the differences to use these verbs. Some of the differences can be explained by the speakers experiences and the context.

**Keywords:** *ser* and *estar/sein*: syntactic function and meaning; contrastive grammar

**Zusammenfassung:** Lerner des Portugiesischen als Fremdsprache haben oft Schwierigkeiten, die zwei häufig gebrauchten Verben des portugiesischen Verbalsystems *ser* und *estar* zu verwenden. Deutschsprachige erkennen kaum die Unterschiede zwischen diesen Verben, die im Deutschen oft mit dem Verb *sein* gleichgesetzt werden, das auch in ähnlichen Strukturen und Situationen vorkommt.

In dieser Arbeit beschäftigen wir uns damit, diese Verben in ihrer Funktion und Bedeutung zu beschreiben und versuchen, Kriterien aufzustellen, die dem Lernenden helfen können, diese Unterschiede besser zu verstehen und dadurch die Verben besser anzuwenden. Einige Unterschiede können durch die Erfahrungen des Sprechers und durch den Kontext erklärt werden.

\* Maria Aparecida Cardoso é mestranda junto à Área de Alemão.

\*\* Maria Helena V. Battaglia é professora doutora da Área de Alemão: Língua, Literatura e Tradução do DLM/FFLCH/USP.